



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Embrapa Monitoramento por Satélite**

Campinas - SP, 04 de março de 2008

Meu caro companheiro, Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento,

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro companheiro general de Exército, Jorge Armando Félix, chefe
do gabinete de Segurança Institucional,

Minha companheira Marisa,

Meu caro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio,

Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Deputados federais Carlos Zarattini, Milton Monti, Reinaldo Nogueira,

Meu caro Hélio, prefeito da cidade de Campinas,

Meu caro companheiro Silvio Crestana, presidente da Embrapa,

Meu caro professor Evaristo Eduardo de Miranda, chefe-geral da
Embrapa Monitoramento por Satélite,

Companheiros e companheiras pesquisadores da Embrapa aqui
presentes,

Prefeitos, secretários, e meu caro Belluzzo,

O problema é que, no avião, eu já diminui o meu discurso em 16
páginas, e o Silvio acabou de anular o meu discurso, porque os números todos
que eu tenho aqui foram citados pelo companheiro Silvio. O momento que nós
estamos vivendo no Brasil permite que nós façamos, hoje, o que outros
presidentes não puderam fazer. Possivelmente, não fizeram não porque não
queriam fazer. Possivelmente, não fizeram porque as circunstâncias políticas e



econômicas não permitiam que determinados assuntos fossem prioridade nacional.

Obviamente que quando o presidente Sarney pensou, há 19 anos, com um decreto, criar este centro de monitoramento, certamente ele imaginava que o próximo presidente iria terminá-lo. Mas nós sabemos o quanto foi conturbado o próximo momento. Depois, quis Deus que fôssemos nós a dar as condições para que este centro pudesse ser concretizado.

O Brasil vive um momento que permite que todos nós possamos pensar um pouco mais no futuro, sem ficar discutindo as mesmas coisas que nós discutimos a vida inteira. O Belluzzo pode ser a testemunha viva aqui neste plenário, de quantos anos nós passamos neste País, em que o único tema era a questão econômica.

Durante décadas, as discussões se davam em função da inflação. Depois, durante décadas, a discussão se deu sobre a dívida externa. Durante décadas, a discussão se deu entre quem era desenvolvimentista e não-desenvolvimentista. E a gente não conseguia andar, a gente não conseguia fazer os avanços necessários. Por quê? Por uma razão muito simples. Todos nós já ouvimos alguém dizer: “em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. Nós, hoje, vivemos um momento em que a solidez da nossa política econômica, o crescimento da política de crédito e o crescimento do conjunto da economia brasileira fizeram com que nós tivéssemos tempo de discutir outras coisas.

De vez em quando, eu convido o Belluzzo para discutir algumas coisas, e nós não discutimos a dívida externa, não discutimos mais inflação. Isso é uma coisa que está superada em nossa discussão. Obviamente que sempre com cuidado, porque a gente também não pode achar que está tudo resolvido e que a partir de agora a gente pode fazer a farra do boi. E nem tampouco a gente pode achar que, por conta de uma eleição, a gente pode estragar e jogar fora o que nós conseguimos construir até agora com muito sacrifício.



Hoje eu posso rir, mas os economistas brasileiros sabem o que significou para o nosso País o ano de 2003. O ajuste fiscal que nós fizemos, de vez em quando eu penso que só um louco faria aquilo. E por que nós fizemos? Porque nós estabelecemos, como condição básica, trocar o capital político que tem o presidente no seu primeiro ano de mandato – que é muito forte para qualquer presidente – pelas mudanças que se faziam necessárias no País para que a gente pudesse colher, anos depois, o sacrifício inicial.

A verdade é que a estratégia deu certo. A verdade é que as coisas combinaram entre si. Alguns mais céticos ainda diziam: “está tudo bem porque o mundo inteiro está bem”. É verdade, o mundo inteiro está bem, isso é uma verdade. “Está certo porque tem muita sorte”. Também é verdade. Imaginem se o Palmeiras não tivesse sorte no domingo, com o Corinthians, de marcar aquele golzinho chorado.

O dado concreto é que até alguns, Silvio, torciam para que a crise americana de agora influenciasse numa decisão do Brasil. Não foram poucos os artigos que eu li, de pessoas dizendo: “agora eu quero ver, agora eu quero ver se o Brasil agüenta, agora eu quero ver se o Brasil está preparado”. Como se o Brasil estar bem fosse um problema apenas meu, como se só eu ganhasse ou perdesse com o Brasil. Não é o presidente quem ganha ou quem perde, quem ganha ou quem perde é a nação brasileira. Se as coisas derem certo, todo mundo ganha, se derem errado, todo mundo perde.

E por que essa mudança muito importante nos investimentos em ciência e tecnologia? Porque nós também estamos descobrindo que o Brasil já não é mais coadjuvante da história internacional. Eu me lembro, Reinhold, que voltando de Davos, em 2003, eu dizia ao ministro Celso Amorim: Celso, por que a gente não pode mudar a geografia comercial do mundo? Por que tudo tem que rodar em função do G-8? Por que em tudo nós temos que depender da União Européia e dos Estados Unidos? Por que a gente não faz uma inflexão – muito baseada na minha experiência do sindicato, aquele negócio de



que a união faz a força – vamos tentar juntar os iguais para poder conversar de forma mais igual com os chamados desiguais, que eram as grandes economias do mundo.

Nós criamos o G-20. Vocês estão lembrados de que quando nós fizemos a reunião de Cancún não faltou artigo, neste País, esculhambando com o G-20: “que tinha sido um fracasso, que o Brasil tinha errado, que em vez de ficar pensando em ir para a África e ir para a América Latina, a gente deveria ir para os Estados Unidos mais vezes ou ir para a União Européia”. O que aconteceu? O que aconteceu é que em apenas três anos... Ninguém hoje discute negócios, no mundo, sem levar em conta a existência do G-20, composto pela China, pela Índia, pelo Brasil, pela Argentina, pelo México, pela África do Sul e por tantos outros países que fazem parte de um Bloco. Menor, do ponto de vista do PIB, mas muito maior do ponto de vista da quantidade de gente representada no planeta Terra. As coisas aconteceram não foi por acaso, foi porque houve uma necessidade de sobrevivência.

Por que a crise americana não esbarra tão forte na gente? Porque a gente já não depende mais das exportações. O mercado interno, hoje, é o grande sustentáculo da economia brasileira. E também porque nós tivemos coragem de diversificar as nossas relações comerciais e não ficar dependendo apenas do dono do engenho. Fizemos parcerias com muitas bodegas pelo mundo afora, de gente que tem muita similaridade com o Brasil e que tinha interesse, tanto quanto o Brasil, de se fazer respeitar no mundo.

Aí, aumenta a nossa responsabilidade e a necessidade de fazer investimento em pesquisa e muita ciência e tecnologia neste País. Por quê? Porque o Brasil, na hora em que vira ator principal, na hora em que o Brasil vira o maior exportador de soja, maior exportador de carne, maior exportador de frango, maior exportador de suco de laranja, maior exportador de café, o Brasil deixa de ser aquele paisinho bonito de samba, de carnaval e de jogador de futebol, e passa a ser um país competitivo com aqueles que detinham o



domínio do mercado mundial. Aí começa a guerra comercial, porque nesse campo não tem amizade, nesse campo não tem parceria.

Um tempo desses, na Nova Zelândia, estavam fazendo propaganda de que o boi zebu não é boi e, portanto, não serve como carne. Vira e mexe, agora virou moda ir para um debate na Europa e alguém ficar dizendo que nós estamos desmatando a Amazônia, não tem nem noção do crescimento da produtividade brasileira nos últimos 15 anos. Vira e mexe, nós estamos vendo eles falarem do trabalho escravo no Brasil, sem lembrar que o desenvolvimento deles, à base do carvão, o trabalho era muito mais penoso do que o trabalho na cana-de-açúcar. E nós brasileiros temos que ter mais responsabilidade e mais maturidade, porque cada vez que nós abrimos a boca para dizer uma coisa, isso não tem repercussão apenas internamente, tem repercussão lá fora. Aí o Reinhold Stephanes e o Celso Amorim têm que sair correndo atrás para apagar os incêndios que muitas vezes nós causamos com declarações, como se nós fossemos um país pequeno, sem importância.

Daí porque o ministro Sérgio Rezende produziu, talvez, o único programa de ciência e tecnologia feito pelo Estado brasileiro. Eu me lembro do seu discurso, porque antigamente era o seguinte: cada ministro que entrava no governo, Belluzzo, produzia um projeto de ciência e tecnologia dele, que não estava combinado com nenhum outro ministro, não estava combinado com nenhuma instituição. Era dele, era a tese dele, era o sonho acadêmico dele. Como todo jornalista tem vontade de ter um jornal, todo ministro da Ciência e Tecnologia tinha vontade de ter o seu programa; o da Educação, o seu programa; o da Comunicação, o seu programa, sem pensar que esse programa só tem duração se for um programa do Estado, comprometido com a sociedade. Por quê? Porque aí, sim, esse programa sobrevive aos períodos eleitorais e sobrevive aos governantes.

Pois bem, nós conseguimos em Brasília, talvez, uma coisa *sui generis* nessa área: juntar uma gama extraordinária de pesquisadores e cientistas, e



por unanimidade – não teve votação, obviamente – as pessoas concordaram que era a primeira vez na história do Brasil que a gente tinha um programa de Estado na área de ciência e tecnologia. Na hora em que sair o Sérgio Rezende, na hora em que sair o Lula, na hora em que sair qualquer um, o programa está dado, porque não é um programa do governo, é um programa do Estado que envolveu o conjunto da sociedade na elaboração e na execução. Portanto, é um programa que eu creio que vai perpassar, não apenas o nosso governo, mas muitos outros governos, sem que haja mudança.

Mais ainda, as pessoas diziam: “o PAC da Ciência e Tecnologia, 41 bilhões em quatro anos é muita coisa”. Eu acho que são 41 bilhões que em poucos anos podem se transformar em uma devolução para a nação brasileira de, várias vezes, 41 bilhões de reais. Essa é a aposta no futuro, essa é a aposta no Brasil que quer se transformar numa grande potência na área da ciência, na área da tecnologia, não apenas na exportação de produtos primários, mas na exportação de conhecimento, da inteligência brasileira.

Não contente com isso, eu fiz um desafio para o nosso companheiro Silvio e para o Reinhold Stephanes. Eu tenho mais três anos de mandato e eu quero um PAC da Embrapa: o que precisa ser feito na Embrapa para que a gente possa fazer aquilo que ainda falta fazer na Embrapa. Esse PAC da Embrapa vai ser apresentado e consagrado em abril, quando a Embrapa completar 35 anos de existência. Nós vamos anunciar o PAC da Embrapa para comprometer, não apenas a direção da Embrapa, mas todo o conjunto do governo com um novo programa de investimento na Embrapa, que não é muito. Acho que o Silvio foi muito modesto na apresentação, eu achei pouco dinheiro. Eu achei pouco, eu imaginava que era mais. Mas de qualquer forma, como em dezembro a CPMF não foi aprovada, o que era pouco para mim ficou um pouco apertado. Mas de qualquer forma, pela arrecadação que nós tivemos no mês de janeiro e fevereiro, eu acho que a gente vai poder consagrar esse PAC da Embrapa.



Eu quero terminar, Evaristo, dizendo para você o seguinte: todo esse nosso conhecimento, nós precisamos fazer uma outra mudança de comportamento que somente o Brasil pode fazer. Obviamente que uma instituição de um país que tem o conhecimento que tem a Embrapa, com o grau de conhecimento que nós temos nós passamos a ser um país de ponta, um país que dominou tudo que é possível na área da agricultura tropical, com o clima tropical do Brasil, que outros países com o mesmo clima do Brasil não conseguiram dominar.

Então, nós agora precisamos tomar uma decisão: eu acho que nós precisamos socializar para os nossos parceiros da América do Sul, da América Latina e da África esse nosso conhecimento. Houve um tempo em que nações se transformaram em grandes nações porque detinham o conhecimento e ficavam com o conhecimento para si, sem levá-lo adiante. Eu não sei, como ser humano, qual é a graça que nós temos de ter o conhecimento em uma determinada área e saber que o nosso vizinho está passando fome por não ter aquele conhecimento, e a gente ficar guardando aquele conhecimento, à espera que esse vizinho possa pagar um preço que ele nunca vai poder pagar.

Eu digo isso porque, há um tempo desses, conversando com um país sobre o Conselho de Segurança da ONU, a pessoa dizia assim para mim: “olha, Presidente, eu penso que o Brasil tem direito de entrar no Conselho de Segurança.” Mas o Brasil vai entrar para quê? Para fazer o mesmo que fazem os atuais cinco membros do Conselho de Segurança? Ou o Brasil tem uma proposta nova? A proposta nova, que nós poderemos apresentar, é que o Brasil precisa propor aqui no continente um conselho de defesa sul-americano e que o Brasil esteja no Conselho de Segurança em nome desse conselho, em nome do continente. Senão, na verdade, nós seremos mais um, ou quem sabe mais dois, mas não muda a lógica. Nessa área do conhecimento... Eu estava vendo agora uma sessão de fotos de satélite. Obviamente que 99% do povo brasileiro não tem dimensão do que é o avanço das fotos de satélite, do que a



gente pode ter de informação. Possivelmente, só o Brasil, aqui na América do Sul, tem essa quantidade de informações, não apenas sobre o Brasil, mas sobre os outros países. Agora, nós temos que decidir se isso vai ficar para nós ou nós vamos chamar esses países e propor um acordo na área da ciência e tecnologia, em que a gente fale: vamos repartir isso aqui para que todo mundo tenha a chance de avançar e se desenvolver. Esse é um desafio que nós temos que ter em mente porque, senão, nós vamos ficar como as grandes potências do mundo, tendo uma gama de informações, tendo fotografias de cada país da América do Sul para nós, que não vamos plantar lá, que não...

Observação: Por problemas técnicos no áudio, houve falha na gravação deste trecho.

...eu acho que esse é um papel histórico que o Brasil pode cumprir. Esse é um papel novo na política internacional, de um país que quer utilizar os conhecimentos adquiridos pelos seus gênios, pelos seus especialistas, e passar isso adiante, para que o mundo possa se desenvolver de forma mais equânime. É por isso que nós montamos uma sede da Embrapa em Caracas e vamos inaugurar no mês que vem, e montamos uma em Gana para ajudar no desenvolvimento africano. Penso que nós precisamos montar mais centros de excelência nossos, seja da Embrapa, seja de Manguinhos, seja da Fiocruz, para que a gente possa repartir com os países mais pobres, de forma diferente da que os países ricos fizeram durante o século XX com os países pobres. Oito países do mundo economicamente fortes detiveram o conhecimento, controlaram o conhecimento durante um século, e isso não foi socializado com a necessidade que todos nós tínhamos para crescer.

Por isso, quando eu venho à inauguração deste Centro de Monitoramento por Satélite, eu que sou fissurado em fotografias e mapas... Você vai entrar na minha sala, Belluzzo, e vai ver o que vai ter de mapa lá. Mais uma vez quero dizer para vocês que é motivo de orgulho saber que nós chegamos a isso e poderemos chegar a muito mais, se o governo brasileiro



não enxergar os investimentos em pesquisa e em ciência como gasto, mas como investimento. É um investimento que, certamente, trará muito mais retorno ao nosso País.

Por isso, meu querido Silvio, meus parabéns. Reinhold, meus parabéns, Evaristo, parabéns. E, sobretudo, parabéns a todos aqueles que fazem parte da ciência, da tecnologia e da pesquisa no nosso País, e aos funcionários da Embrapa – faz tanto tempo que estão quietos, parece que os acordos estão tão bons, que eu nunca mais ouvi reclamação da Embrapa.

Um abraço e felicidades para todos vocês.

(\$211A)